

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
MONIQUE RUTLER - “ISTO VAI MUDAR!”  
20 de setembro de 2024

## A-DA-BEJA / 1973-74/1983

“um ensaio de” MONIQUE RUTLER

*Realização, fotografia e montagem:* Monique Rutler / *Colaboração:* “crianças, técnicos e pessoal de apoio da Secção de Educação Terapêutica C.O.O.M.P.” / *Com:* Sérgio Niza / *Produção:* Produção: Monique Rutler, Escola de Cinema do Conservatório Nacional, com o apoio do Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian / *Cópia:* 16mm, preto e branco, falada em português / *Duração:* 21 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca.*

## O CÉREBRO / 1976

Um filme de CINEQUIPA

*Realização (não creditada):* Monique Rutler / *Texto (não creditado):* João Alfacinha da Silva (Alface) / *Locução:* Cândido Mota / *Colaboração:* alunos da Escola Luís de Camões / *Produção:* Cinequipa para a RTP / *Série:* Ver e Pensar / *Cópia:* RTP Arquivos, digital (a partir do suporte original em 16mm), preto e branco, falada em português / *Duração:* 26 minutos / *Emitido pela primeira vez na televisão:* 14 de maio de 1976 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

## NO MUNDO DOS FANTOCHES / 1979

Um filme de CINEQUANON

*Realização (não creditada):* Monique Rutler / *Produção:* Cinequanon para a Direção-Geral do Ensino Básico / *Série:* Os Direitos das Crianças / *Cópia:* 16mm, double band, preto e branco, falada em português / *Duração:* 24 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca.*

## ASSOA O NARIZ E... PORTA-TE BEM! / 1981

Um filme de MONIQUE RUTLER

*Realização e argumento:* Monique Rutler / *Direção de fotografia:* Pedro Massano d'Amorim / *Assistência de imagem:* José Lã Correia / *Som:* Carlos Alberto Lopes / *Música original:* Luís Cília / *Cenografia:* Fernando Filipe / *Montagem:* Monique Rutler / *“Sketches interpretados por”:* Raquel Maria, Maria Vieira / *Agradecimentos:* Dr. Júlio Martins (colaboração amigável), Marina Bairrão Ruivo (colaboração amigável), Teatro da Cornucópia, Prevenção Rodoviária Portuguesa, Instituto de Beleza Annick Sanimar / *Produção:* Paisà para a RTP / *Cópia:* RTP Arquivos, digital (a partir do suporte original em 16mm), cor, falada em português / *Duração:* 25 minutos / *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

Com a fragmentação do meio cinematográfico português após o 25 de Abril (fragmentação em múltiplas empresas e cooperativas: Cinequipa, Cinequanon, Grupo Zero, VirVer, Paz dos Reis, Filmform...), e com a interrupção do financiamento da Fundação Calouste Gulbenkian, foi através da televisão que os cineastas encontraram uma fonte confiável de trabalhos e rendimentos. Em particular, é nos trabalhos para a televisão que Monique Rutler mais se ocupa entre 1974 e o início da década de 1980. Logo a partir de 1974/75, a futura realizadora integra a Cinequipa (primeiramente como montadora), sendo que o grosso do trabalho corresponde ao contrato que a cooperativa mantinha com a RTP para a produção de duas séries: **Nome Mulher** (1974-76), com autoria de Antónia de Sousa e Maria Antónia Palla e dedicada às causas feministas, e **Ver e Pensar** (1974-76), mais vocacionada para as questões da infância e juventude.

Se numa primeira fase do PREC, os irmãos Matos Silva (fundadores da Cinequipa) tomam as rédeas dos projetos televisivos, dirigindo a maior parte dos episódios das duas séries numa prática de cinema militante (dedicando vários filmes às lutas laborais de várias operárias que ocupavam fábricas e entravam em autogestão), a partir de meados de 1975, cada um dos irmãos passa a preocupar-se mais com os seus projetos de ficção, respetivamente **Antes A Sorte Que Tal Morte** (que só viria a ser finalizado em 1981) e **O Meu Nome É...** . Assim, de modo a assegurar o contrato com a televisão, os dois produtores diversificam os projetos e entregam-nos a alguns dos colaboradores da cooperativa, em particular a Monique Rutler e José

Nascimento – mas não só, alguns episódios são dirigidos por pessoas próximas do núcleo da cooperativa, como o diretor de fotografia Manuel Costa e Silva ou a realizadora Solveig Nordlund (que estava associada à Grupo Zero, mas que encontrava assim outras vias de produção alternativa às da cooperativa que matinha com Alberto Seixas Santos).

Todos estes filmes feitos para a televisão pelas cooperativas (em particular pela Cinequipa) eram creditados de forma coletiva. No entanto, a partir de testemunhos, de diversas entrevistas, de *Curriculum vitae* produzidos por diferentes personalidades ao longo dos anos foi possível aferir uma lista de títulos que não sendo completa, representa uma parte significativa dos trabalhos de realização televisiva que Monique Rutler levou a cabo ao longo da segunda metade da década de 1970 e início da década de 1980. No que respeita à série **Nome Mulher** é sabido que Monique Rutler teve um papel determinante na rodagem do filme **O Aborto Não É um Crime**. A propósito de **Ver e Pensar**, que tinha um formato mais curto (programas semanais com cerca de 25 minutos), encontrei a indicação, da própria Monique, que terá sido responsável pelos últimos seis episódios da série, todos realizados em 1976, e que compõem uma espécie de minissérie autónoma. Intitulados simplesmente **O Cérebro, O Olho, A Palavra, A Asa, O Sonho, O Sono** (e assim ordenados), esta minissérie começa com uma narração que explica, «Vamos iniciar uma série de seis programas que abordam a condição humana naquilo que ela tem de libertação, de escape, de fuga e de projeção para o exterior. (...) Como tese temos que o Homem se suplanta e completa nos limites que o restringem e nas barreiras que ultrapassa. Nas relações complexas com o mundo à sua volta, o Homem alimenta comportamentos e mitos que lhe definem um percurso ao nível da espécie. Os títulos [destes seis] programas são símbolos não-exaustivos de atividades onde o humano está inteiro: pensar, ver, falar, desejar, sonhar, dormir ou morrer.»

Monique Rutler ilustra esta abertura da série (dentro da série) com o corpo de uma mulher filmado em planos muito próximos: axilas, braços, peito, pescoço, rosto, cabeleira, mão, antebraço, ombro. A sua câmara dinâmica percorre – instável – esse corpo que, de forma mimética, não para quieto. Oscila, balança, rodopia, dobra-se, revira-se, retorçe-se. É irónico, naturalmente, que todo o discurso refira o «Homem» e que a imagem mostre tão despudoradamente o corpo de uma mulher.

Depois dessa introdução, a minissérie de Monique Rutler combina três abordagens: a reportagem (com acompanhamento de eventos públicos ou entrevistas de rua), as pequenas encenações quotidianas e o recurso (muito presente) a materiais de arquivo, maioritariamente fotográfico (mas não só – repare-se nas impressionantes imagens de operações neurológicas). A agregar essas três abordagens está a omnipresente narração – eventualmente escrita por Alface (João Alfacinha da Silva), colaborador habitual destes programas da Cinequipa – que procura equilibrar o conteúdo científico-pedagógico com as dilatações lírico-filosóficas. Profundamente artesanais, há nestes episódios uma redução ao mínimo (claramente o orçamento era muito reduzido e certamente já se sabia que a série ia ser interrompida em breve – uma vez que o escândalo de **O Aborto Não É um Crime** já havia rebentado e a direção de programas da RTP já deveria ter informado a Cinequipa que não renovaria o contrato das duas séries). No entanto, são programas elegantes e misteriosos, onde o propósito educativo rapidamente se dilui no gosto pela abstração e pelo grotesco das imagens médicas, pela fantasia das ilustrações medievais ou pela curiosidade dos esquemas clínicos.

Com a desfragmentação da Cinequipa que acontece após o fim dos contratos de produção com a RTP e com os problemas na rodagem de **Guerra do Mirandum**, entre 1976 e 1978, Monique Rutler acaba por se associar a outra cooperativa que mantinha com a primeira boas relações de amizade e camaradagem, a Cinequanon, onde trabalhavam António de Macedo, Amílcar Lyra e Luís Galvão Teles – no entremeio, trabalhou também com José Fonseca e Costa, através da sua empresa Filmfrom (noutra série televisiva, **Autoretratos Ivone Silva, A Faz Tudo**, da qual foi montadora com José de Sá Caetano), produtora que tornaria possível a realização de VELHOS SÃO OS TRAPÓS. Na Cinequanon trabalhou primeiramente como montadora de vários programas televisivos, nomeadamente **Os Direitos das Crianças** (1979 – de que exhibe **O Mundo dos Fantoques**), **Repensar a Escola – Perspectivas aa Escola Primária em Portugal** (1979, para a Direção-Geral do Ensino Básico – Ministério da Educação e Ciência), **XX-XXI – Ciência e Técnica Hoje e Amanhã** (1979-80,

para a RTP) e **Viagem Através do Homem** (1982, para a RTP, desta feita uma série integralmente montada e realizada por Monique Rutler, que surge pela primeira vez devidamente creditada).

Muito embora o regime de contratos de produção que a RTP estabelecia com as várias cooperativas criadas após o 25 de Abril se viesse a extinguir em meados dos anos 1980, e que os programas assim produzidos fossem, na maioria dos casos, vocacionados para assuntos sociais, divulgação científica e promoção da história e tradições nacionais, as séries em que Monique Rutler trabalhou enquanto realizadora versavam quase sempre sobre questões de educação e eram dirigidas a públicos jovens. Esta coincidência deve-se, provavelmente, ao próprio interesse da realizadora que, logo em 1973/74, iniciou um filme, que permaneceria inacabado quase uma década, sobre as problemáticas do ensino especial de crianças com dificuldade de aprendizagem. Refiro-me a **A-da-Beja**, filme que a realizadora inicia durante o segundo ano do curso de cinema da Escola Piloto do Conservatório e que só vem a concluir em 1984, momento esse em que remonta o filme e acrescenta uma entrevista de balanço com o promotor do projeto educativo em foco, Sérgio Niza.

Pois bem, como recordou a realizadora anos depois, num texto de homenagem ao amigo Manuel Costa e Silva, «Conheci o Manuel quando ele foi o meu professor de Imagem no 1.º Curso de Cinema do Conservatório Nacional. Em 1972/3, creio. Já ouvira falar dele pelo Sérgio Niza para quem ele fizera vários pequenos filmes. Por acaso, até achei piada a essa cadeira e era quem mais rapidamente conseguia carregar às escuras um *magasin*. Ele acabou por entregar-me frequentemente a Éclair para filmar. As duas vezes que mais importância tiveram não são de esquecer. A primeira foi para um trabalho sobre A-da-Beja, uma Instituição para crianças com dificuldades emocionais, uma espécie de filme de fim de ano (posteriormente adquirido pela Fundação Calouste Gulbenkian), trabalho esse que ele devia supervisionar. O facto é que ele nunca apareceu. Era hábito, como vim a descobri-lo mais tarde, por ter outro assunto a tratar...».

De facto, **A-da-Beja** é um documentário sobre o programa experimental de integração de saúde e educação pela Secção de Educação Terapêutica do Centro de Observação e Orientação Médico-Pedagógico (COOMP) que funcionava na Quinta do Plátano em A-da-Beja (uma pequena povoação nos arredores de Lisboa, na fronteira entre os concelhos de Sinta e Amadora), documentário esse que ficaria incompleto (foi interrompido pela Revolução), sendo concluído em 1983-84 com o apoio do Serviço Educativo da Fundação Calouste Gulbenkian. Sérgio Niza assumira, em 1973, a direção do serviço de educação terapêutica em A-da-Beja, depois de ter sido professor do Ensino Primário e de ensino especializado para crianças com limitações visuais, e vinha desenvolvendo uma reflexão profunda sobre as questões do dito «ensino especial» - é ele um dos promotores do Movimento da Escola Moderna, que se inicia nos anos 1960.

Note-se, de partida, que **A-da-Beja** começa com um cartão onde se lê «um ensaio de Monique Rutler», onde se deve sublinhar a ideia de ensaio, de tentativa, de rascunho. A realizadora inicia o filme com um movimento de aproximação, um *travelling* lateral pela estrada que dá acesso à escola. Este movimento de aproximação é literal e metafórico, já que há uma vontade da parte da câmara da realizadora de abeiramento às crianças e aos métodos de ensino que ali se aplicam. Dentro do edifício, em plano fixo, as crianças apresentam-se (nome, idade, há quanto tempo ali estudam), dirigindo-se para uma voz feminina que se encontra fora de campo. Depois destas, Sérgio Niza apresenta o projeto educativo. Não se trata de um filme «para crianças», mas de um filme «com crianças» e sobre o ensino, onde elas são capazes de se rever. Até certo ponto esta será, de forma sistemática, a abordagem de Monique Rutler em todos os seus posteriores filmes de cariz pedagógico: filmes com crianças.

Exemplo acabado disso encontra-se em **No Mundo dos Fantoques**, onde um casal de fantoches aprende como se fazem os mais diversificados tipos de fantoches. Sim, um menino e uma menina articulados aprendem, com as mãos conhecedoras dos mais diversos artesãos, como se faz um fantoche com uma colher de pau ou com uma meia. À medida que vão aprendendo a construir fantoches mais complexos, os protagonistas tomam consciência da sua própria condição de marionetas. Talvez não haja melhor metáfora sobre o ensino e sobre a aprendizagem. Só quando o conhecimento sobre o que nos rodeia permeia a nossa

própria subjetividade – e acende em nós uma revelação sobre o nosso lugar no mundo – é que se pode identificar uma verdadeira forma de aprendizagem.

Mas talvez o mais acabado filme de Monique Rutler «com crianças» seja **Assoa o Nariz... E Porta-Te Bem!**, realizado no âmbito de uma iniciativa europeia onde os vários canais públicos dos diferentes países desafiaram cineastas locais e a realizarem um pequeno filme sobre a infância e a liberdade. Monique Rutler respondeu com um filme que prossegue o hibridismo de **Velhos São os Trapos**, onde a farsa (interpretada por Raquel Maria e Maria Vieira – esta última no seu primeiro papel como atriz) se combina com a reportagem de rua. O filme começa com duas interrogações «O que é uma criança bem-educada? E uma criança malcriada?» – interrogações que ecoam ao longo do filme. A partir daqui o filme constitui-se como uma reflexão satírica sobre as regras comportamentais que definem o comportamento em sociedade, oscilando entre o inquérito de rua (onde pais e filhos respondem a uma série de perguntas sobre a educação) e um conjunto de *sketches* onde se parodiam as figuras de autoridade (a mãe, a avó, o homem macho) e se contrariam todas as regras vigentes que definem a «má-criadice».

O que daqui resulta é um filme que questionando a flutuação dos preceitos da educação, os torpedeia. Mais do que perceber que a maioria das pessoas responde à questão da «boa-educação» com respostas tautológicas sobre o bom comportamento, o que Monique Rutler propõe é deliciosamente subversivo: para ilustrar o que «não se deve fazer», Raquel Maria e Maria Vieira transigem todas as regras dos bons costumes, enquanto advogam a sua absoluta necessidade.

A narração conclui **Assoa o Nariz** com um magnânimo «Ninguém está completamente de acordo sobre o assunto, mas quer parecer que a boa educação é o saber viver em sociedade e na sociedade: uma escolha de palavras, de atitudes e de gestos que permitem não hostilizar, não incomodar e não chocar os outros.» Pois bem, se essas são as regras do bem viver, não são de maneira nenhuma as regras do bom cinema. Monique Rutler sabe-o e aplica-o. A sua obra é um conjunto, sucessivo, de hostilizações, de incómodos e de choques.

O seu cinema é composto por gestos, palavras e atitudes que não dispõem bem, que não alegram nem aconchegam, muito pelo contrário. Os seus filmes combatem e procuram desmontar as regras injustas que vigoram nas nossas sociedades, mas não propõem necessariamente que estas regras sejam substituídas por outras, igualmente castradoras. Monique Rutler é dona de um cinema combativo, militante e feito em permanente desacato: recorde-se a exposição sem rodeios do aborto como procedimento; recorde-se o velho sem abrigo de **Velhos São os Trapos** que prefere o suicídio a ser internado num lar e o casal de idosos que não tem condições para uma vida digna e se desmancha a chorar diante da câmara; recorde-se o machão mentiroso e mandrião do primeiro episódio de **Jogo de Mão**, o marido violento e abusador do segundo capítulo do mesmo filme, a denúncia do meio do cinema português (cheio de homens cobardes e indecorosos) e culminando com o retrato dos mecanismos do patriarcado decadente e autodestrutivo; recorde-se, por fim, o modo como Monique Rutler abordou o caso de Adelaide Coelho da Cunha e de como pensou a personagem desta mulher que se posicionou contra tudo e contra todos, mas sem ser violenta ou agressiva, apenas rebelde e revoltada.

Ricardo Vieira Lisboa